

É POSSÍVEL PREENCHER UM CORAÇÃO VAZIO? A CLÍNICA DA ESPERANÇA

Giovanna Miron dos Santos¹

A psicanálise, apresentada por Sigmund Freud (1856-1939) e profundamente estudada por ele, inicia sua história com a marca da cura pela fala (*talking cure*). Ou seja, a linguagem assume um papel central e específico, tanto nos seus preceitos teóricos, como na prática clínica. Mas exatamente por ser uma teoria que trata do humano na sua expressão mais profunda, ela acaba por aprimorar-se junto com todas as modificações culturais do sujeito contemporâneo. Portanto, se o objetivo é reconhecer e investigar as novas formas de sofrimento que se apresentam na clínica, deve-se observar, primeiro, em que mundo vivem esses sujeitos que sofrem.

Alguns pacientes chegam aos profissionais da psicologia marcados pela não existência, por uma crise de identidade, de não saber quem são. Esses profissionais não são mais aqueles que auxiliam os pacientes no reconhecimento do seu inconsciente e suas pulsões (pelo menos não nestes casos); e por diversas vezes precisam ajudar esses sujeitos a construir uma base de si mesmos. Uma relação antes não experienciada e que agora pode, através da continuidade, auxiliar no vir a ser psíquico de cada um.

Sue Gerhardt, psicoterapeuta psicanalista inglesa, estudou – e se espantou – por mais de 20 anos com o impacto que as primeiras experiências do bebê têm na constituição e no adoecimento dos pacientes adultos. Então, em 2014 ela lançou o livro *Why love matters: how affection shapes a baby's brain* (traduzido para o Brasil em 2017). Este trabalho tem a riqueza de ser inovador e clássico ao mesmo tempo, já que demonstra, através das últimas descobertas das Neurociências, o quanto Freud (1914/2006) e seus colegas psicanalistas tinham razão quando afirmavam que as primeiras relações são pré-requisitos básicos para um pleno desenvolvimento do indivíduo. Já nas primeiras páginas, o pensamento de Gerhardt (2017) é apresentado aos leitores: “quando as coisas dão errado nos relacionamentos no início da vida, a criança dependente precisa se adaptar; o que se sabe é que seu cérebro também se adapta” (p. XII). A autora utiliza as próximas 297 páginas para comprovar que o sujeito só pode se

¹ Graduada em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Mestre em Saúde Coletiva, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Professora titular do Curso de Psicologia da Faculdade IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios. E-mail: giovanna.miron@acad.ftec.br

reconhecer como tal quando é recebido e apresentado ao mundo por um outro adulto responsável, não apenas em termos psíquicos, mas, acima de tudo, neuronais. Ou seja, comprova que a adaptação psíquica é também cerebral, e que o encontro com o outro tem extrema importância neste processo. Na opinião de Gerhardt (2017, p. XIV), “se alguém é um grande ser humano, só pode significar uma coisa: ele foi amado”.

O livro citado remete a um artigo importantíssimo de Donald Winnicott (1896-1971). Contemporâneo da autora, este pediatra e psicanalista inglês baseou sua obra no estudo das primeiras relações mãe-bebê e na importância do ambiente na constituição psíquica do sujeito. Diversos trabalhos do autor apresentam a importância da sensação do sentir-se real, e salientam que essa noção de realidade só pode acontecer quando o sujeito pode experimentar a sua verdadeira realidade e, portanto, reconhecer-se como único. Esta seria a ideia de um viver com sentido, de uma “vida criativa” (GURFINKEL, 2017). No artigo referido no início deste parágrafo, “O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, escrito em 1967, Winnicott (1975) declara que o rosto da mãe é o precursor do espelho, e que é fundamental que o bebê possa ver o que há de mais espontâneo em si refletido no olhar materno.

Mas e quando falha este olhar? E quando o que é refletido é a dor de uma mãe com depressão pós-parto, por exemplo, ou quando a marca principal do encontro é o não-olhar, o não receber/reconhecer do/o outro? Esses são os pacientes mencionados no início deste texto. Aqueles que são marcados por uma não-existência, por um não contorno. São pacientes que podem apresentar o seu sofrimento narcísico através de sintomas comuns na contemporaneidade, como os transtornos alimentares, a psicossomática, a dependência química ou a dependência de outras relações. São aqueles pacientes que demonstram uma sensação de esgotamento, de inutilidade, de falsidade. Pacientes que desenvolvem sintomas para dar conta do vazio, e o corpo adocece, já que não encontra palavras que possam expressar a sensação de não ser.

A psicoterapia, para esses pacientes, deixa de ser o lugar onde são feitas interpretações inteligentes e apropriadas, onde desvela-se o inconsciente e suas pulsões. Para esses sujeitos, a psicoterapia é o espaço de refletir. O psicanalista passa então a ser o rosto da mãe e reflete aquilo que está lá para ser visto, para ser nomeado (WINNICOTT, 1975). Desse modo, constroem juntos um espaço de acolhimento e de construção de uma história psíquica única e individual. Já afirmava Winnicott (2000): "Toda vez que compreendemos profundamente um paciente, e o mostramos através de uma interpretação correta e feita no momento certo, estamos de fato sustentando o paciente" (p. 354).

Entende-se, assim, que esta é a clínica da esperança. Aquela onde apresenta-se aos pacientes – muitos pela primeira vez – a possibilidade de uma relação baseada na constância e na confiança. Uma relação baseada na confiança e na busca do reconhecimento das necessidades de cada um. Mas será possível esta clínica?

A esse respeito, vale lembrar o trabalho de outra psicanalista: Fátima Flório César. Ela é doutora em Psicologia clínica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), e autora de alguns livros, por meio dos quais apresenta seu entendimento sobre o trabalho clínico com pacientes mais regressivos. Em um destes livros escrito em 2009, o último capítulo tem o seguinte título: “Que loucura é esta que às vezes nos acomete de querer mudar os outros?” (CÉSAR, 2009). Neste capítulo, a autora tece comentários profundos sobre o trabalho clínico com pacientes borderlines marcados pela desesperança e pela influência que a vivência psíquica destes, por vezes tão devastadoras, causa nos seus analistas. Reflete a autora: “o analista vai sofrer com a destrutividade e o desespero de seu paciente, mas sem se retirar. Pacientes e analistas em construção, com suas esperanças postas à prova” (CÉSAR, 2009, p. 235). Entende-se que se está a tratar não daquela “loucura” onipotente que acredita ser capaz de mudar as pessoas e saber qual a melhor forma de viver, mas da tentativa de entender a “loucura”, que faz com que os profissionais da psicologia acreditem que vale a pena abrir o consultório e os corações para aqueles pacientes que chegam esvaziados de si e de esperança.

Acredita-se que a leitura da referida obra leva ao entendimento de que, assim como foi mencionado por Winnicott, o consultório e o psiquismo dos analistas é o casulo desses pacientes-lagartas. É um lugar protegido, silencioso, por vezes imutável, que possibilita que as transformações possam acontecer. Espera-se que as metamorfoses sejam vivenciadas em toda a sua plenitude e que elas possam ser refletidas e acompanhadas por um outro que está ali inteiro e disponível para isso. Mas isso é possível? Como ser essa pessoa e esse lugar para aqueles sujeitos tão sedentos por preencher seus corações vazios?

Bonaminio (2011, p. 13) afirma que “mesmo sem uma franca autorrevelação, os analistas estão sempre revelando sua pessoalidade através do que escolhem interpretar e também quando escolhem permanecer em silêncio e reflexão”. Assim, quando o profissional se coloca neste lugar de espelho, acaba também por ser espelhado. Descobre, no olhar do outro, coisas de si mesmo que talvez nem fossem completamente conhecidas. Então, conclui-se que não há outra saída, pois só é possível cuidar e reconhecer o outro se o analista for capaz de cuidar e reconhecer a si mesmo. O cuidado que transmite através de seu trabalho clínico tem suas raízes no cuidado que recebe quando bebê. É disso que tratam Gerhardt

(2017), Winnicott (2000), Gurfinkel (2017), Bonaminio (2011), Freud (1914/2006), entre tantos outros psicanalistas.

Para finalizar, apresenta-se um super-herói que, como todos os super-heróis, tem o poder de ajudar a autora deste texto nos momentos de dificuldade, nos momentos de dúvida, nos momentos de questionamento. Espera-se que essa personagem de Pessanha e Lollo (2004) possa também ajudar a cada um que decide mergulhar no fazer clínico e acaba por mergulhar tão fundo nas profundezas do outro que desvela seus próprios vazios.

Super Empty era uma pessoa como todas as outras, só com a diferença de que tinha um buraco enorme bem no meio do peito. Durante muito tempo, fez como a maioria das pessoas que percebem um enorme vazio no peito: buscou formas para disfarçar e esconder este vazio. Porém, não teve muito sucesso. Um dia, quando estava passeando em um museu, ao observar várias obras com seus próprios espaços em branco, percebeu que “nada é totalmente cheio: esculturas têm buracos, músicas têm silêncios, conversas têm reticências, pessoas têm ocos. E todos esses vazios fazem sentido quando a gente entende que eles não são coisas que estão faltando, mas uma parte do conjunto. Através deles é que a gente percebe o mundo do outro lado. São janelas e é para isto que eles servem” (PESSANHA; LOLLO, 2004, p. 111).

Então, o personagem passa a reconhecer seu vazio não mais como uma fraqueza, mas como um super poder. Claro que não um super poder capaz de resolver questões objetivas, mas sim aquele que pode ajudar as pessoas nas questões que parecem impossíveis de solucionar. “O que ele faz é sentar ao seu lado e ajudar você a ver além desses problemas” (PESSANHA; LOLLO, 2004, p. 118). E o jeito que ele usa o vazio também é muito especial, afinal é importante conhecer alguém que tem um vazio tão grande, mas que, apesar disso, consegue ajudar o outro; alguém capaz de conversar sobre o vazio com muita tranquilidade; alguém que convence as pessoas de que se a curiosidade faz com que olhem até em buraco de fechadura, por que não olhar para dentro de si?; alguém que, por fim, faz perceber que ninguém está sozinho. Super Empty acaba por ser um super-herói de todos os psicanalistas ou psicólogos em formação, ao mesmo tempo em que se transforma em um modelo de identificação para dar conta do vazio dos outros.

Encerra-se este breve trabalho com as palavras de Manoel de Barros, poeta brasileiro da simplicidade: “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (BARROS, 1996, p. 75). É preciso que cada um possa usar e reconhecer sempre a Psicologia como a possibilidade de transver o mundo, a si mesmo e aqueles que buscam os profissionais pedindo ajuda para lidar com seus sofrimentos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BONAMINIO, V. **Nas margens de mundos infinitos**: a presença do analista e do analisando no espaço transicional em uma perspectiva contemporânea do pensamento de Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

CÉSAR, F. **Asas presas no sótão**: Psicanálise dos casos intratáveis. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2009.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GURFINKEL, D. **Relações de objeto**. São Paulo: Blucher, 2017.

GERHARDT, Sue. **Por que o amor é importante**: como o afeto molda o cérebro do bebê. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

PESSANHA, L.; LOLLO, José Carlos. **O transponível Super Empty**. Rio de Janeiro: Planeta Brasil, 2004.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago editora Ltda., 1975.

WINNICOTT, D. **Da Pediatria à Psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.